

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores mensais de indústria, comércio e serviços

Sumário

O recuo de 0,2% do produto interno bruto (PIB) na passagem entre o terceiro e o quarto trimestre do ano passado confirmou o cenário de arrefecimento do ritmo de expansão da atividade econômica, conforme já antecipado pelo desempenho dos indicadores setoriais com periodicidade mensal. De um modo geral, após os efeitos mais severos provocados pela crise sanitária da covid-19, as principais restrições ao crescimento da economia brasileira, antes associadas à oferta, vem se deslocando para a demanda. Na virada do ano, embora uma parte dos resultados verificados nos primeiros meses de 2023 indique a manutenção deste quadro, alguns fatores podem torná-lo menos pessimista. Com base nos últimos resultados disponíveis, a previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) é que o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicador que busca retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, permaneça praticamente estável na margem, com pequeno avanço de 0,1% ante o mês de dezembro. Com isso, o efeito de *carry-over* em relação ao resultado do primeiro trimestre de 2023 ficaria em 0,2%.

A perda de fôlego verificada no mercado interno é explicada em grande medida pelos efeitos negativos provenientes da política monetária contracionista. Em um contexto caracterizado pelo encarecimento do crédito e por uma inflação ainda em patamares elevados, a situação financeira das famílias segue deteriorando, com aumentos tanto no comprometimento da renda com os serviços de dívidas passadas quanto nos níveis de inadimplência. Entre os setores produtivos, os empresários da indústria de transformação têm relatado uma preocupação crescente com a desaceleração da demanda doméstica, particularmente nos segmentos mais dependentes de financiamento. Embora uma boa parte dos entraves relacionados à escassez e ao encarecimento de insumos tenha diminuído, o setor vem convivendo com a redução do nível de utilização de capacidade e com o aumento dos níveis de estoques indesejados. Principal *driver* da economia brasileira nos últimos dois anos, a atividade de serviços também apresenta acomodação do seu ritmo de crescimento. Embora o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* ainda favoreça o consumo de serviços, o fechamento do hiato aberto pela crise sanitária neste setor tem provocado um aumento de preços, reduzindo naturalmente sua capacidade de crescimento. Por sua vez, o comércio de bens, relativamente mais caro que os serviços, enfrenta mais diretamente os efeitos do aumento dos juros. Apesar disso, os segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, podem se beneficiar do retrato atual do mercado de trabalho. Caracterizado por movimentos defasados em relação ao ciclo, sua dinâmica lhe confere um certo grau de

Leonardo Mello de Carvalho
Técnico de Planejamento e Pesquisa
da Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas na Dimac/Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 29 de março de 2023.

resiliência. Se, por um lado, os indicadores de população ocupada já vêm apresentando recuo na margem desde agosto último, por outro lado, o indicador de rendimento médio real e o de massa salarial real têm desempenho mais positivo. Além disso, o aumento concedido ao salário mínimo, a ampliação das medidas de transferência de renda, entre outros fatores podem sustentar os níveis de renda, principalmente nas faixas mais baixas.

O cenário de desaceleração da atividade econômica tem se refletido no resultado das pesquisas de sentimento ao longo do primeiro bimestre do ano, que seguem indicando de forma bastante disseminada uma piora no nível de confiança dos agentes, tanto empresários quanto consumidores. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da FGV, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 89,2 pontos em fevereiro. Embora o resultado tenha representado alguma melhora em relação ao mês anterior, o índice acumula uma queda de 12,3 pontos sobre o patamar de outubro último. Já a Confederação Nacional da Indústria (CNI), por meio da pesquisa Sondagem Industrial, aponta uma continuidade do desaquecimento no setor, com quedas na produção e no número de empregados entre janeiro e fevereiro. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em fevereiro permaneceu na zona que indica contração, situação que já ocorre desde o mês de novembro.

1 Resultados gerais

Desde o último trimestre do ano passado, o comportamento dos indicadores setoriais mostra uma desaceleração bastante disseminada da atividade econômica brasileira. De um modo geral, após os efeitos mais severos provocados pela crise sanitária da covid-19, as principais restrições ao crescimento da economia brasileira, antes associadas à oferta, vem se deslocando para a demanda. Este quadro se manteve nos primeiros meses de 2023, sendo caracterizado por um aumento dos níveis de incerteza, um aperto nas condições financeiras e uma redução generalizada dos níveis de confiança. Entre os principais setores produtivos, tendo por base os resultados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) até o mês de dezembro, grande parte das atividades registrou queda ou desaceleração ao longo do último trimestre de 2022. Na comparação com médias móveis de três meses, menos sujeitas à volatilidade mensal, enquanto a produção industrial registrou três quedas consecutivas, o crescimento da atividade de serviços desacelerou fortemente no mesmo período, passando de 2,4% em outubro para 1% em dezembro, ambas na série dessazonalizada. Já o comércio varejista, particularmente no conceito restrito, encerrou o ano com uma queda de 0,7% nesta mesma base de comparação. O mesmo comportamento foi verificado nos indicadores que buscam resumir a atividade econômica brasileira, com destaque negativo para o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), com recuo de 1,5% na média móvel de dezembro (tabela 1).

Em relação aos resultados referentes a janeiro, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta continuidade na acomodação da atividade econômica. A produção industrial, apesar do abrandamento das restrições de oferta, tem enfrentado um cenário mais adverso no tocante à demanda interna. Estimamos um crescimento nulo entre dezembro e janeiro, na série sem efeitos sazonais. O setor de serviços, por sua vez, deve sofrer recuo na margem (-0,6%), embora volte a contar em janeiro com a contribuição positiva do segmento serviços prestados às famílias, que deverá crescer 1%. Para o setor de comércio, estamos prevendo avanço tanto para as vendas no conceito ampliado quanto no restrito, com altas de 0,5% e 2% na margem, respectivamente. Apesar da piora na saúde financeira das famílias, acreditamos que a trajetória ainda positiva dos rendimentos e da massa salarial possa exercer algum efeito positivo no consumo, particularmente nos bens menos dependentes de crédito. Neste contexto, esperamos um avanço modesto do Monitor do PIB na comparação dessazonalizada em janeiro, com alta de 0,1%, deixando um *carry-over* de 0,2% para o primeiro trimestre de 2023 (tabela 2).

TABELA 1

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado						Contra igual período do ano anterior						Acumulado em 12 meses
	Out./22	Tri móvel Out./22	Nov./22	Tri móvel Nov./22	Dez./22	Tri móvel Dez./22	Out./22	Tri móvel Out./22	Nov./ 22	Tri móvel Nov./22	Dez./223	Tri móvel Dez./ 22	
IBC-Br	-0,4	-0,1	-0,8	-1,0	0,3	-1,5	3,5	4,3	1,3	3,0	1,4	2,0	2,9
Monitor do PIB	-0,1	-0,2	-0,1	-0,7	0,2	-0,6	2,9	3,3	1,6	2,5	1,4	1,9	2,9
PIB mensal Itau	-0,3	-0,4	0,0	-0,7	0,3	-0,6	2,8	2,9	1,7	2,3	0,7	1,7	2,3
PIM-PF	0,3	-0,8	-0,1	-0,8	0,0	-0,5	1,7	1,6	0,9	1,0	-1,3	0,5	-0,7
PMC ampliado ¹	0,3	-0,2	-0,5	1,1	0,4	0,9	0,3	0,2	-1,4	-0,1	-0,6	-0,6	-0,6
PMC restrito	0,1	-0,2	-0,9	0,7	-2,6	-0,7	2,7	2,5	1,4	2,4	0,4	1,4	1,0
PMS	-0,7	2,4	-0,4	1,2	3,1	1,0	9,7	9,3	6,5	8,5	6,0	7,3	8,3

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos e de materiais de construção.

Obs.: PIM-PF – Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física; PMC – Pesquisa Mensal do Comércio; PMS – Pesquisa Mensal de Serviços.

TABELA 2

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para janeiro de 2023¹

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Out./22	Nov./22	Dez./22	Previsão Dimac/Ipea - Jan./23	Out./22	Nov./22	Dez./22	Previsão Dimac/Ipea - Jan./23
Monitor do PIB	-0,1	-0,1	0,2	0,1	2,9	1,6	1,4	4,8
Produção Industrial	0,3	-0,1	0,0	0,0	1,7	0,9	-1,3	2,0
Comércio Varejista (ampliado)	0,3	-0,5	0,4	0,5	0,3	-1,4	-0,6	1,1
Comércio Varejista (restrito)	0,1	-0,9	-2,6	2,0	2,7	1,4	0,4	0,8
Serviços	-0,7	-0,4	3,1	-0,6	9,7	6,5	6,0	8,1

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹O IBGE não divulgou o resultado de janeiro referente às suas pesquisas conjunturais mensais sobre a indústria, comércio e serviços, uma vez que está implementando aperfeiçoamentos metodológicos. Estes aperfeiçoamentos incluem mudanças na amostra de empresas informantes, produtos investigados, locais pesquisados e deflatores utilizados. Não obstante essas modificações, optamos por divulgar, mesmo assim, nossas previsões para o mês de janeiro de 2023, ainda utilizando, para tal, as séries antigas.

2 Indústria

A produção industrial, de acordo com a PIM-PF, permaneceu estagnada entre novembro e dezembro, na série com ajuste sazonal, encerrando 2022 com queda de 0,7% (tabela 3). A análise com base na evolução do indicador em médias móveis trimestrais aponta um cenário de retração. Ainda em termos dessazonalizados, a média móvel encerrada em dezembro registrou recuo de 0,5%, que representou a quarta variação negativa nessa base de comparação. Entre os grandes grupos econômicos, o fraco desempenho observado na indústria geral ocorreu de modo generalizado. Se no último trimestre do ano passado apenas a produção de bens de consumo semi e não duráveis avançou na média móvel dessazonalizada (0,5%), na comparação acumulada em doze meses, todos os grandes grupos registraram queda, com destaque negativo para a produção de bens de consumo duráveis, com retração de 3,3% em 2022. No mês de dezembro, o nível de produção de bens duráveis, categoria em que a dependência de crédito é elevada, situava-se em um patamar 17,6% inferior ao observado no período pré-pandemia.

TABELA 3

Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Out./22	Nov./22	Dez./22	Trim. ¹	Out./22	Nov./22	Dez./22	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Geral	0,3	-0,1	0,0	-0,5	1,7	0,9	-1,3	0,5	-0,7	-0,7
Classes										
Indústrias Extrativas	0,4	-1,7	-1,1	-1,1	4,5	-2,9	-4,0	-0,8	-3,2	-3,2
Transformação	0,0	0,2	0,3	-0,8	1,4	1,3	-0,8	0,7	-0,4	-0,4
Grupos Econômicos										
Capital	-4,0	0,8	1,8	-1,1	-0,2	0,7	0,9	0,4	-0,3	-0,3
Intermediários	0,6	0,3	-2,1	-1,2	1,9	1,3	-2,6	0,3	-0,7	-0,7
Consumo	0,4	0,0	2,2	0,2	2,4	0,5	1,4	1,4	-0,8	-0,8
Duráveis	-3,4	-0,7	4,1	-1,0	11,8	2,0	-5,8	2,9	-3,3	-3,3
Semi e Não Duráveis	0,5	0,8	3,2	0,5	0,4	0,2	3,1	1,1	-0,2	-0,2
Insumos da Construção Civil	-0,8	-1,7	-0,1	-3,4	-3,3	-5,8	-7,0	-5,3	-6,9	-6,9

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

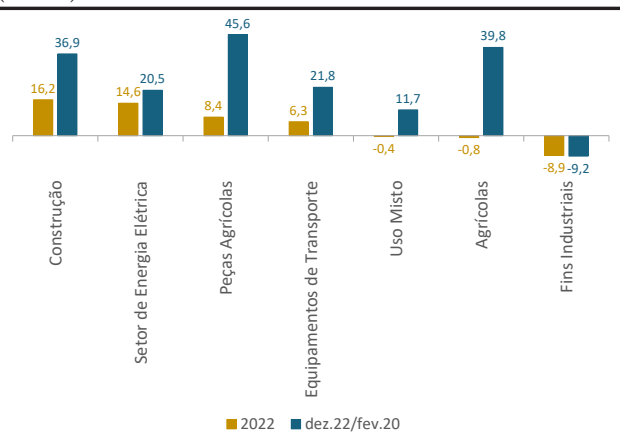
Embora tenha recuado 1,1% no trimestre móvel encerrado em dezembro, resultado que interrompeu três meses de variação positiva nessa base de comparação, a produção de bens de capital avançou nos dois últimos meses do ano. Mesmo encerrando 2022 com queda de 0,3%, o segmento situa-se em um patamar 14,4% acima do verificado em fevereiro de 2020, período imediatamente anterior ao início da crise sanitária da covid-19. Nesta mesma base de comparação, grande parte do crescimento da demanda por bens de capital pode ser explicada pelos desempenhos do setor agropecuário e do setor da construção civil. Em relação ao resultado acumulado em 2022, destacam-se os investimentos no setor de energia elétrica, cuja alta de 14,6% foi a segunda maior entre os demandantes de bens de capital, ficando atrás da construção (16,2%). Em contrapartida, o grande destaque negativo fica por conta dos investimentos para fins industriais. Ainda registrando ociosidade de 9,2% em relação ao período pré-pandemia, o setor acumulou retração de 8,9% em 2022 (gráfico 1).

Em relação às perspectivas para o primeiro trimestre de 2023, o endurecimento das condições financeiras no mercado interno já afeta a procura por máquinas e equipamentos. De acordo com os dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), após encerrar 2022 com crescimento de 19,4%, o licenciamento de máquinas agrícolas registrou queda de 8,7% no primeiro mês de 2023, com base na comparação dessazonalizada (gráfico 2). A demanda por caminhões, por sua vez, após expansão de 43,5% no acumulado de 2021, chegou ao final de 2022 com retração de 1,6%. Vale destacar o forte crescimento verificado em dezembro último (13,3%), explicado por um efeito de antecipação de vendas em virtude da entrada em vigor de uma nova legislação de emissões em janeiro (Euro 6), com impactos altistas nos preços. Com isso, os dois primeiros meses de 2023 acumularam uma queda de 8,8% em termos da taxa com ajuste sazonal.

Com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas, versão 2.0 (CNAE 2.0), entre os 25 segmentos que compõem a indústria de transformação, nove exerceram contribuição positiva no resultado da indústria geral no acumulado de 2022, com destaque para coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis e produtos alimentícios, que adicionaram 0,75 ponto percentual (p.p.) e 0,36 p.p., respectivamente (gráfico 3). Em contrapartida, contribuíram de forma mais negativa para o resultado de 2022 as indústrias extrativas (-0,37 p.p.) e o segmento produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-0,29 p.p.). Com relação aos níveis de produção prevalentes pré-pandemia, a indústria ainda apresenta hiato significativo (-2,2%). Em dezembro,

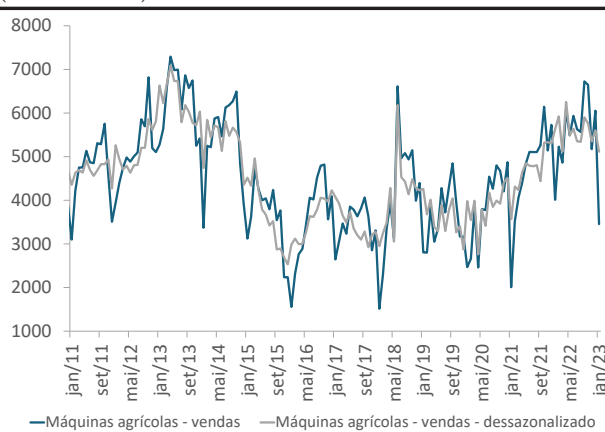
apenas seis segmentos atingiram patamar superior ao observado em fevereiro de 2020. Entre eles, os principais destaques ficaram por conta das atividades produtos farmoquímicos e farmacêuticos (+13,8%), outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores (+12,5%) e máquinas e equipamentos (+7,7%). Na outra ponta, os segmentos móveis e artigos de vestuário e acessórios apresentam os piores resultados, registrando -26,2% e -24%, respectivamente.

GRÁFICO 1
Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – taxas de crescimento acumuladas
 (Em %)



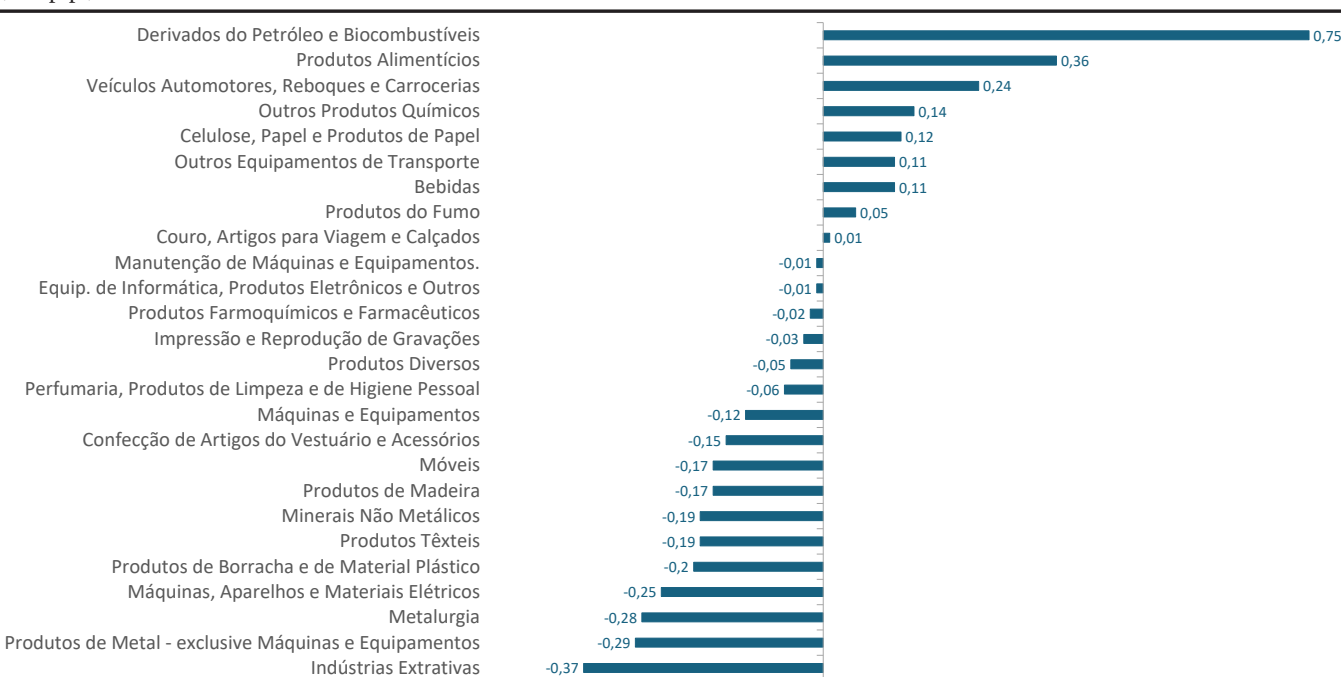
Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
Bens de capital: evolução das vendas de máquinas agrícolas (jan./2011-jan./2023)
 (Em unidades)



Fonte: Fenabreve; Ipea.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
Produção industrial: setores CNAE – contribuição para a taxa de variação acumulada no ano da indústria geral – 2022
 (Em p.p.)

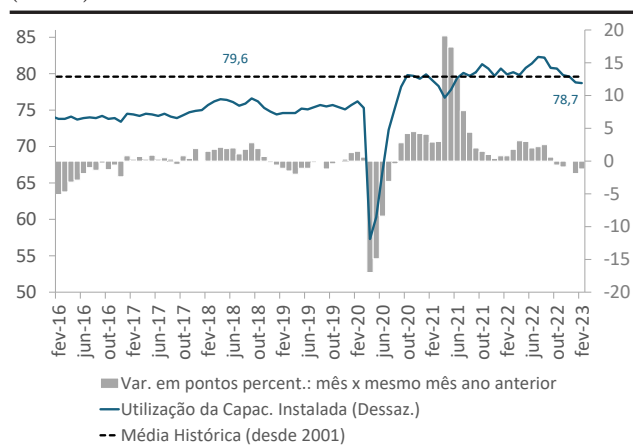


Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Entre os setores produtivos, o desempenho industrial tem sido o mais fraco. No ambiente doméstico, os efeitos da política monetária contracionista têm impactado negativamente a demanda por bens industriais, particularmente nos segmentos mais dependentes de financiamento. Além disso, o encarecimento do crédito tem tornado as condições financeiras das empresas mais restritivas. Este cenário tem sido corroborado pelos resultados das pesquisas qualitativas (*soft data*), que indicam redução significativa nos níveis de confiança dos empresários industriais nos últimos meses, o que reflete na diminuição de novos pedidos e no número de contratações, entre outros quesitos. Neste contexto, embora uma boa parte dos entraves relacionados à escassez e ao encarecimento de insumos tenha diminuído, o setor vem convivendo com a redução do nível de utilização de capacidade e com o aumento dos níveis de estoques indesejados.

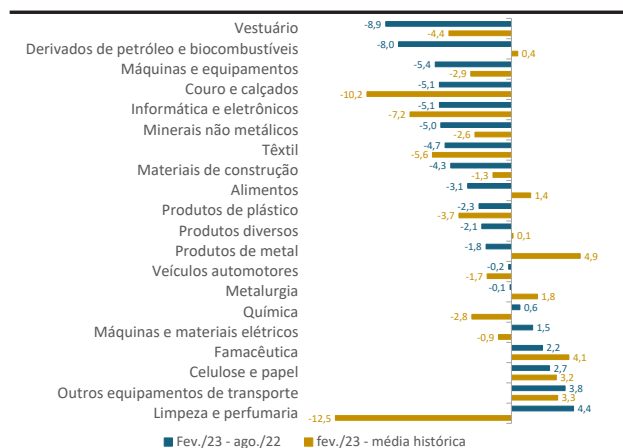
Com base nos resultados da Pesquisa Sondagem Industrial, da FGV, o nível médio de utilização da capacidade instalada (Nuci) na indústria de transformação vem retrocedendo desde agosto do ano passado, tendo atingido o patamar de 78,7% em fevereiro de 2023, já abaixo da sua média histórica (gráfico 4). Em termos setoriais, utilizando como base de comparação a variação entre fevereiro de 2023 e agosto de 2022, nota-se que entre os vinte setores considerados na pesquisa, quatorze acumularam queda do Nuci no período. Destes, apenas quatro ainda se encontram acima da sua média histórica, como é o caso do segmento produtos de metal, que, embora tenha reduzido o seu Nuci em 1,8 p.p., ainda apresenta alguma folga em termos de capacidade. Como visto anteriormente, o segmentoderivados de petróleo e biocombustíveis exerceu a maior contribuição para o resultado da indústria em 2022. Embora o setor também venha passando por um ajuste negativo do seu Nuci, o resultado em fevereiro ainda se encontra acima da média histórica. Entre os segmentos que registraram as maiores retrações do Nuci e já se encontram abaixo do nível médio histórico, a produção de vestuário e a produção de máquinas e equipamentos apresentaram os piores resultados, com quedas de 8,9 p.p. e 5,4 p.p., respectivamente. Em relação aos setores que aumentaram o Nuci no período em questão, três já se encontram acima da sua média, indicando a possibilidade de alguma restrição de capacidade produtiva à frente. Entre estes, destaque para os segmentos outros equipamentos de transporte (3,8 p.p.), papel e celulose (2,7 p.p.) e farmacêuticos (2,2 p.p.) (gráfico 5).

GRÁFICO 4
Nuci: evolução do nível dessazonalizado e taxas de crescimento (fev./2016-fev./2023)
 (Em %)



Fonte: FGV.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Nuci setorial
 (Variação em p.p.)

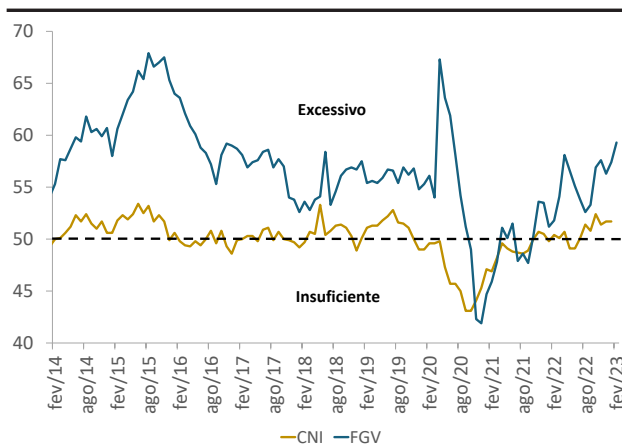


Fonte: FGV.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A redução bastante disseminada de capacidade produtiva setorial está intimamente ligada a uma das consequências do quadro de arrefecimento da demanda interna, a saber: o aumento indesejado dos níveis de estoques. As-

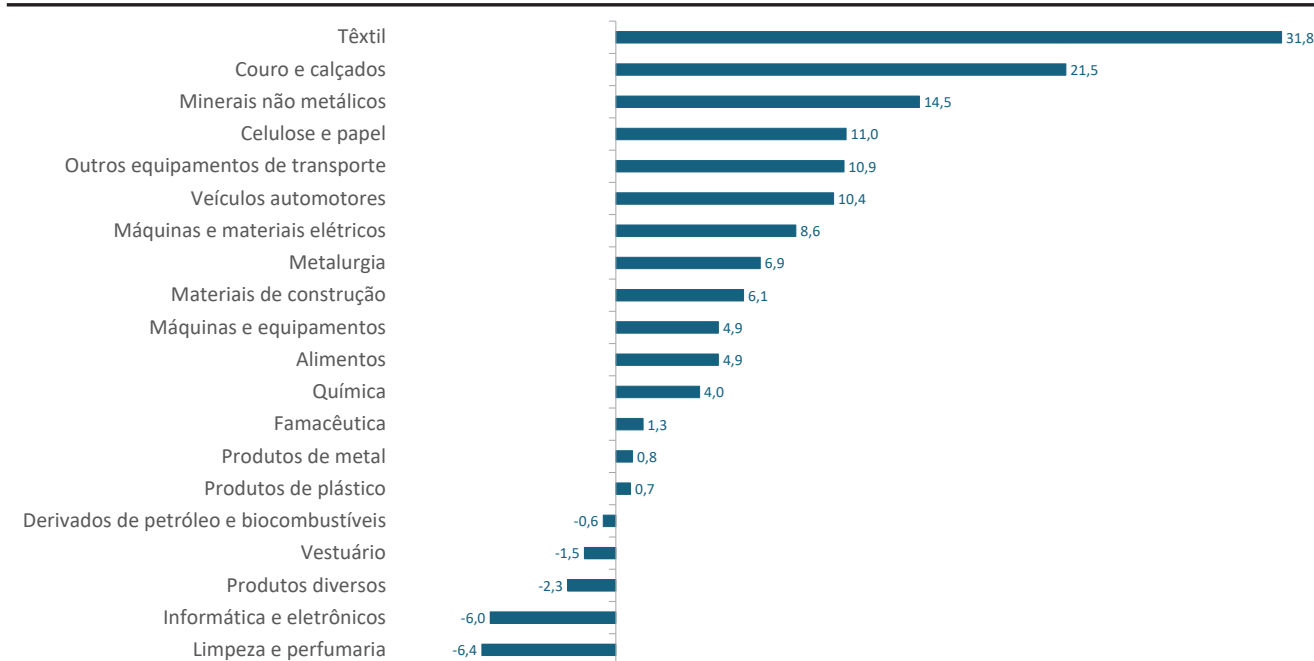
sim como aconteceu em outros períodos de retração da atividade econômica, a indústria de transformação vem acumulando estoques acima do planejado desde meados do ano passado. Este fato é corroborado pelas sondagens industriais da FGV e da CNI (gráfico 6). Considerando a mesma base de comparação utilizada na análise do Nuci, a diferença entre os empresários que declararam estoques excessivos e os que declararam estoques insuficientes aumentou 6,7 pontos entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023. Na desagregação setorial, quinze segmentos observaram acúmulo de estoques acima do nível planejado no período. Destes, a grande maioria registrou redução no uso da capacidade instalada, com destaque para os segmentos têxtil, máquinas e equipamentos e veículos automotores. Já a produção de derivados de petróleo e biocombustíveis, por sua vez, apresentou redução neste mesmo quesito, ou seja, desacumulou estoques neste período (gráfico 7).

GRÁFICO 6
Evolução do nível de estoques na indústria de transformação – efetivo versus planejado (fev./2014-fev./2023)



Fonte: FGV e CNI.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Nível de estoques na indústria de transformação – efetivo versus planejado – variação entre fev./2023 e ago./2022 (Em p.p.)

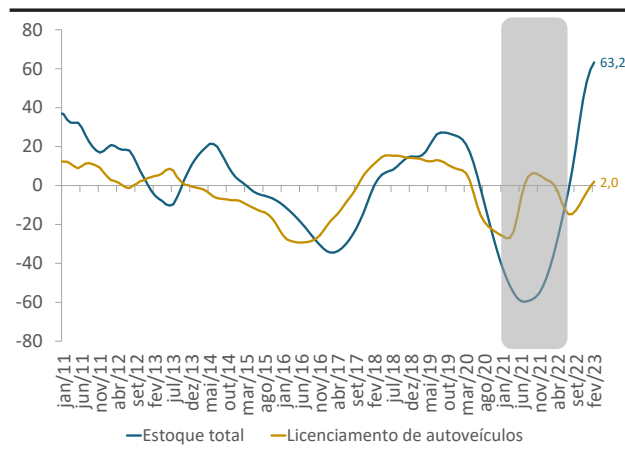


Fonte: FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Entre os setores com maior relevância da indústria, o segmento automobilístico enfrenta um cenário desafiador. Por ser um dos mais afetados pelos gargalos de oferta durante a crise sanitária da covid-19, a progressiva superação dessas dificuldades vinha normalizando os níveis de produção e estoques, estimulados por uma demanda reprimida. Vale destacar que esse processo ocorreu em etapas e, particularmente, ao longo de 2021, enquanto os licenciamentos mostravam recuperação, os estoques ainda se encontravam deprimidos, em comparação com os

níveis médios históricos (gráfico 8). A partir do final de 2021, mesmo ainda apresentando algumas restrições, a melhora nos problemas de escassez de insumos permitiu uma recomposição dos estoques. Porém, assim como em boa parte dos demais segmentos da indústria, a deterioração das condições financeiras das famílias, associada ao encarecimento do crédito, reduziu a demanda no setor, que passou a apresentar um excesso de veículos no pátio das empresas, tanto nas montadoras quanto nas concessionárias. Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), os estoques de carros zero-quilômetro atingiram quarenta dias de vendas, o que representa um excedente em torno de 60% em relação aos níveis normais. Como consequência, as principais montadoras com fábricas no país decidiram interromper temporariamente a produção para se ajustar ao nível atual de vendas. Com isso, o volume produzido deverá ser afetado negativamente nos meses de março e abril.

GRÁFICO 8
Setor automobilístico: licenciamento *versus* estoque – variação acumulada em doze meses (Em %)



Fonte: Ipea; Anfavea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Se alguns setores continuam sendo afetados pela escassez de insumos, a pressão de custos na indústria, de um modo geral, sofreu importante alívio ao longo do último ano. Tomando por base os preços ao produtor medidos pela FGV, nota-se uma clara descompressão dos índices, inclusive com alguns grupos apresentando deflação na comparação acumulada em dozes meses para fevereiro de 2023, principalmente nos bens intermediários. Neste grupo destacam-se os preços dos suprimentos (-8%) – aí inclusos os fertilizantes –, as matérias-primas brutas (-6,5%) e as matérias-primas agropecuárias (-5,9%).

TABELA 4
Índice de Preços ao Atacado (IPA): taxas de variação acumuladas (Em %)

	Variações acumuladas	
	Mar./21 a Fev./22	Mar./22 a Fev./23
IPA - Todos os itens	17,4	-0,1
Bens finais	17,1	5,9
Bens de consumo duráveis	14,4	5,6
Alimentação	15,1	5,8
Combustíveis	38,6	-3,6
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	10,2	10,4
Bens de investimento	22,7	7,2
Bens intermediários	29,4	1,4
Materiais e componentes para a manufatura	23,8	0,6
Embalagens	20,2	5,9
Suprimentos	45,3	-8,0
Matérias-primas brutas	7,6	-6,5
Matérias-primas brutas agropecuárias	21,3	-5,9
Minerais	-21,1	-8,6

Fonte: FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para janeiro, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha permanecido constante na série sem efeitos sazonais, com crescimento nulo na comparação com dezembro de 2022 (tabela 5). Com isso, o *carry-over* para o primeiro trimestre também ficará em 0%. Esse resultado contou com uma contribuição positiva das indústrias extrativas, que estimamos terem avançado 2,9% na margem. Já a indústria de transformação deve registrar queda de 0,4% na mesma comparação. Entre os segmentos com peso relevante, os destaques ficariam por conta da produção de químicos e de máquinas e materiais elétricos, com crescimentos previstos de 1,6% e 3,6%, respectivamente.

TABELA 5

Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para janeiro de 2023 – variação contra o período anterior dessazonalizada

(Em %)

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Indústria geral	-0,6	-0,7	0,3	-0,1	0,0	0,0
Indústrias extrativas	-3,2	1,7	0,4	-1,7	-1,1	2,9
Indústrias de transformação	-0,2	-1,3	0,0	0,2	0,3	-0,4
Alimentos	-3,0	-4,2	5,1	3,2	-2,6	-1,0
Têxtil	-5,4	-2,4	-0,2	-5,2	5,1	-2,0
Vestuário	1,4	-3,7	-7,1	-4,0	8,0	3,0
Couro e calçados	0,4	-1,8	-13,0	0,5	6,7	-1,2
Celulose e papel	-0,6	-1,3	-1,7	-0,2	-0,2	1,3
Derivados de petróleo e biocomb.	-4,8	-2,5	0,4	2,8	3,4	-9,2
Químicos	9,8	-0,2	-3,1	0,5	-3,2	1,6
Limpeza e perfumaria	-0,2	-3,2	-2,5	3,5	-3,1	5,9
Farmacêuticos	9,1	-1,3	0,9	-0,4	9,1	-2,3
Borracha e plásticos	0,1	-1,2	-2,4	0,7	-0,2	-0,2
Minerais não-metálicos	1,7	-2,2	-2,1	-1,1	-0,5	0,9
Metalurgia	-0,1	-7,4	4,7	3,8	-5,1	0,2
Metais	1,5	-0,6	-0,1	-1,4	5,6	-1,3
Informática e eletrônicos	6,4	0,9	-2,5	-6,8	4,7	-1,3
Máquinas e materiais elétricos	-0,9	-1,6	-3,4	-2,1	0,4	3,6
Máquinas e equipamentos	12,5	4,1	-9,4	0,3	-3,6	1,0
Veículos automotores	11,0	0,0	-6,6	4,3	1,3	-12,0
Outros equipamentos de transporte	7,9	2,3	2,1	-0,7	-2,3	1,4
Outros produtos	9,5	-8,5	-12,2	6,7	-2,6	6,1
Insumos construção civil	-1,8	-1,3	-0,8	-1,7	-0,1	2,7

= -13	< -8,8	< -4,5	< -0,3	< 4,0	>= 8,3

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

As vendas no comércio varejista, medidas na PMC/IBGE, encerraram 2022 com retração de 0,6%. Este resultado refletiu duas trajetórias distintas. Após registrarem um crescimento de 0,3% no primeiro semestre, as vendas encolheram 1,4% nos últimos seis meses do ano passado, ambas as comparações contra o mesmo período de

2021. A análise em médias móveis de três meses, em um primeiro momento, aponta um cenário menos pessimista, uma vez que, após cinco meses de quedas consecutivas na comparação dessazonalizada, o varejo registrou variações positivas em novembro e dezembro. É importante notar, todavia, que grande parte do resultado se deve ao crescimento verificado no mês de setembro, além de uma base de comparação deprimida pela forte queda ocorrida no mês de junho. Excluindo as vendas de veículos e materiais de construção (dois segmentos com forte dependência de crédito), o chamado varejo restrito, por sua vez, acumulou crescimento de 1% em 2022. De modo similar ao verificado no conceito ampliado, o primeiro semestre do ano passado (1,4%) registrou um desempenho mais forte que o segundo (0,6%). Na trajetória em médias móveis, a desaceleração fica mais evidente. Após o resultado de novembro interromper quatro meses de queda, as vendas no conceito restrito recuaram 0,7% na média móvel encerrada em dezembro. Entre os dez segmentos que compõem a pesquisa, cinco terminaram o ano de 2022 com variação positiva. Entre aqueles que exerceram as maiores contribuições positivas para o resultado acumulado, destacaram-se combustíveis e lubrificantes, hipermercados e supermercados e artigos farmacêuticos, com altas de 16,6%, 1,4% e 6,3%, respectivamente (tabela 6).

TABELA 6
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Out./22	Nov./22	Dez./22	TRIM ¹	Out/22	Nov./22	Dez./22	TRIM ¹	No ano	Em doze meses
Comércio varejista ampliado²	0,3	-0,5	0,4	0,9	0,3	-1,4	-0,6	1,4	-0,6	-0,6
Comércio varejista restrito³	0,1	-0,9	-2,6	-0,7	2,7	1,4	0,4	-0,6	1,0	1,0
1. Combustíveis e lubrificantes	0,4	-5,4	-1,6	-1,5	34,3	27,0	23,8	28,4	16,6	16,6
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,1	-0,1	-0,8	0,7	2,7	2,8	2,5	2,6	1,4	1,4
2.1 Hipermercados e supermercados	-0,1	-0,1	-0,7	0,5	2,7	3,3	3,2	3,1	1,5	1,5
3. Tecidos, vestuário e calçados	-4,3	-2,1	-6,1	-6,8	-15,0	-16,4	-11,9	-14,0	-0,5	-0,5
4. Móveis e eletrodomésticos	2,5	1,9	-1,6	3,7	-0,8	2,6	0,3	0,8	-6,7	-6,7
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,4	1,5	-0,4	0,8	5,3	6,4	0,8	4,0	6,3	6,3
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,3	-3,5	0,1	-4,7	13,7	0,1	0,3	3,7	14,8	14,8
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	2,1	-3,4	-0,6	0,5	8,5	-0,2	0,1	2,5	1,7	1,7
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,8	-0,9	-2,9	-1,0	-8,4	-10,6	-8,4	-9,2	-8,4	-8,4
9. Veículos, motos, partes e peças	-2,2	0,8	2,4	0,7	-0,8	-5,5	-1,8	-2,7	-1,7	-1,7
10. Materiais de construção	-6,0	5,2	1,3	-2,6	-12,8	-11,1	-7,1	-10,4	-8,7	-8,7

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

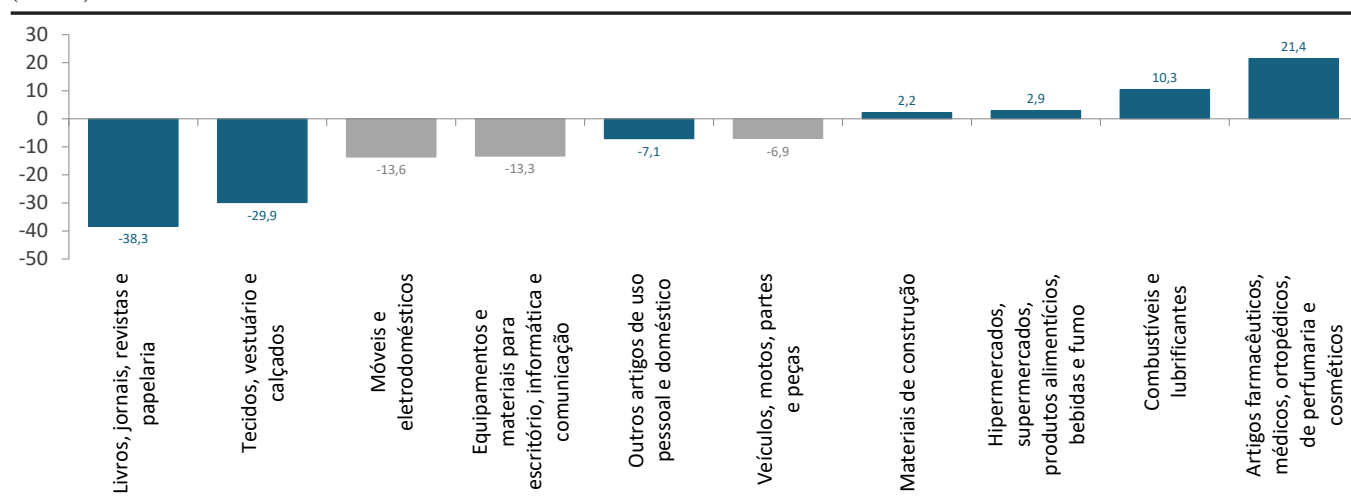
³ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Os fatores responsáveis pelo cenário atual de arrefecimento da atividade econômica têm impactado os segmentos do comércio varejista de modo heterogêneo. Em um contexto ainda caracterizado por inflação elevada, os efeitos do encarecimento do crédito vêm pressionando o orçamento familiar. Como reflexo, os indicadores de inadimplência seguem aumentando, ao passo que o comprometimento da renda das famílias com o serviço de dívidas passadas situa-se em níveis historicamente elevados. Como consequência, aqueles segmentos em que a aquisição de bens é mais dependente de financiamento tendem a ser mais fortemente impactados. Com o resultado de dezembro, o volume de vendas no varejo ampliado encontrava-se em um patamar 1,5% inferior ao nível pré-pandemia. Entre os segmentos com a maior defasagem nesta base de comparação estão as vendas de móveis e eletrodomésticos; de automóveis, motos e peças; e de equipamentos de informática e escritório – notadamente aqueles bens mais sensíveis à taxa de juros (gráfico 9).

GRÁFICO 9

Comércio varejista – segmentos: comparação entre os níveis de dezembro de 2022 e fevereiro de 2020

(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em particular, o comércio de automóveis tem sido um dos segmentos mais afetados pela piora na saúde financeira das famílias. Com base nas informações da Anfavea, as vendas de carros de passeio registraram em fevereiro de 2023 a terceira retração seguida na comparação sem efeitos sazonais, com baixa de 1,9% (tabela 7). O primeiro bimestre do ano também representou queda para as vendas da categoria de comerciais leves. Antes sustentada por uma demanda reprimida, em virtude das restrições de oferta ao longo da pandemia, as perspectivas para o setor este ano são mais modestas. Uma fonte importante para o escoamento da produção de veículos, a chamada venda corporativa, formada basicamente por locadoras e frotistas, também vem dando sinais de arrefecimento nos primeiros meses do ano. Com participação de 54% das vendas em dezembro, as vendas dessa modalidade caíram para 44% em fevereiro.

TABELA 7

Vendas de veículos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Dez./22	Jan./23	Fev/23	Trim. ¹	Dez./22	Jan./23	Fev/23	Trim.	No ano	Em 12 Meses
Total	-1,5	-4,2	-2,6	-3,9	-20,9	-26,1	-1,8	5,1	-0,1	3,8
Passeio	-5,5	-3,6	-1,9	-6,6	-21,9	-29,5	-4,2	4,5	1,5	6,2
Comerciais leves	4,3	-3,6	-0,7	-2,5	-23,3	-22,8	3,2	3,7	-6,8	-4,3

Fonte: Anfavea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em contrapartida, os segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, podem se beneficiar do retrato atual do mercado de trabalho. Caracterizado por movimentos defasados em relação ao ciclo econômico, sua dinâmica lhe confere um certo grau de resiliência. Se, por um lado, os indicadores de população ocupada já vêm apresentando recuo na margem desde agosto último, por outro lado, o indicador de rendimento médio real e o de massa salarial real têm desempenho mais positivo. Além disso, o aumento concedido ao salário-mínimo, a ampliação das medidas de transferência de renda, entre outros fatores podem sustentar os níveis de renda, principalmente nas faixas mais baixas, em que a propensão a consumir é maior.

Além dos efeitos provocados pelo aumento das taxas de juros, a inflação de bens de consumo segue elevada. Com base nos deflatores da PMC calculados até dezembro de 2022, a comparação entre as taxas de inflação acumuladas ao longo dos últimos três anos mostra um comportamento heterogêneo entre os segmentos. Entre os dez analisados, cinco apresentaram algum alívio ao longo do último ano, sendo que dois destes registraram deflação, a saber: combustíveis e materiais de escritório e informática (tabela 8). Os demais segmentos ainda lidam com aceleração de preços, com destaque negativo para as vendas nos supermercados, cuja taxa de inflação acumulada em doze meses aumentou de 7,9% em 2021 para 13,9% em 2022.

TABELA 8
Deflator implícito da PMC: taxas de variação acumuladas
 (Em %)

	Variação acumulada em 12 meses			
	Dez./19	Dez./20	Dez./21	Dez./22
Varejo ampliado	3,0	8,1	13,5	9,4
Combustíveis e lubrificantes	4,9	-0,3	48,7	-22,7
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	6,9	14,6	7,9	13,9
Tecidos, vestuário e calçados	0,7	-1,3	10,1	18,7
Móveis e eletrodomésticos	-0,9	7,7	11,6	5,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,1	-0,9	5,5	14,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	4,6	0,5	4,7	7,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,6	13,6	1,2	-3,7
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,3	3,1	10,7	10,8
Veículos, motos, partes e peças	0,4	6,3	17,2	8,0
Materiais de construção	2,3	14,9	18,7	8,3

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação a janeiro, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera alta de 0,5% na margem e de 1,1% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. Com este resultado, o *carry-over* para o primeiro trimestre ficaria em 0,6%. No conceito de varejo restrito, esperamos um desempenho superior, com um avanço de 2% sobre dezembro e de 0,8% sobre janeiro do ano passado. Entre os segmentos, os destaques positivos ficam por conta das vendas em hiper e supermercados (2,9%) e vestuário e calçados (6,2%), este último interrompendo quatro meses de quedas na margem (tabela 9).

TABELA 9
Comércio varejista: desempenho recente e previsão para novembro de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
 (Em %)

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Varejo ampliado	-0,2	1,3	0,3	-0,5	0,4	0,5
Varejo restrito	0,1	1,0	0,1	-0,9	-2,6	2,0
Combustíveis e lubrificantes	3,6	1,8	0,4	-5,4	-1,6	-2,2
Hiper e supermercados	0,3	1,2	0,1	-0,1	-0,8	2,9
Tecidos, vestuário e calçados	7,8	-2,4	-4,3	-2,1	-6,1	6,2
Móveis e eletrodomésticos	1,1	0,1	2,5	1,9	-1,6	-4,1
Artigos farmacêuticos e perfumaria	-0,2	0,6	-0,4	1,5	-0,4	1,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	5,0	0,1	-2,2	0,8	2,4	0,4
Material de construção	-0,7	-0,1	-6,0	5,2	1,3	1,5

= -6,1	< -3,8	< -1,5	< 0,8	< 3,1	>= 5,4
--------	--------	--------	-------	-------	--------

Fonte: Ipea; IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

Segundo a PMS/IBGE, o setor de serviços avançou 3,1% em dezembro, na série livre de efeitos sazonais. Com este resultado, que interrompeu duas quedas consecutivas na margem, o setor encerrou 2022 com expansão de 8,3% (tabela 10). Todavia, assim como ocorreu com os demais setores produtivos, a comparação em médias móveis de três meses aponta um cenário menos benigno. Ainda na comparação dessazonalizada, o avanço de 1% no trimestre móvel encerrado em dezembro representou a terceira desaceleração consecutiva da atividade de serviços, que havia registrado altas de 3% em setembro, 2,4% em outubro e 1,2% em novembro. Entre os cinco segmentos que compõem a pesquisa, quatro terminaram 2022 com variação positiva. Entre aqueles que exerceram as maiores contribuições positivas para o resultado acumulado total, destacaram-se transportes e correios (+4 p.p.), serviços prestados às famílias (+1,8 p.p.) e serviços profissionais, administrativos e complementares (+1,7 p.p.). O segmento outros serviços foi o único que contribuiu de maneira negativa no acumulado de 2022, subtraindo 0,2 p.p. do total.

TABELA 10

Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Out./22	Nov/22	Dez./22	TRIM ¹	Out./22	Nov/22	Dez./22	TRIM ¹	No ano	Em doze meses
Total	-0,7	-0,4	3,1	1,0	9,7	6,5	6,0	7,3	8,3	8,3
1. Serviços prestados às famílias	-1,2	-0,6	2,4	0,1	11,4	7,8	21,8	9,5	24,0	24,0
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	-1,6	-0,5	2,7	-0,7	10,5	6,6	22,7	8,6	24,4	24,4
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-0,7	0,8	0,8	1,6	17,0	15,1	16,9	14,6	21,6	21,6
2. Serviços de informação e comunicação	1,2	-0,8	-2,2	1,4	8,4	3,4	3,1	3,7	3,3	3,3
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	1,4	-1,0	-3,4	1,3	10,0	3,3	3,7	4,1	3,5	3,5
2.1.1 Telecomunicações	-2,8	-0,7	-0,7	-1,9	-4,9	-6,4	-6,6	-6,0	-6,7	-6,7
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	7,5	-4,7	-7,9	3,4	28,8	14,0	5,7	15,1	16,6	16,6
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-3,4	8,1	-0,9	1,7	-4,4	4,6	-2,3	0,9	2,2	2,2
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,3	0,6	3,0	1,8	8,3	7,1	7,4	7,6	7,7	7,7
3.1 Serviços técnico-profissionais	-3,6	0,3	2,6	-0,1	8,5	7,4	7,9	7,9	7,5	7,5
3.2 Serviços administrativos e complementares	0,6	0,7	2,7	1,8	8,2	7,0	7,3	7,4	7,8	7,8
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,5	0,7	2,5	-0,1	12,3	10,6	10,2	11,0	13,3	13,3
4.1 Transporte terrestre	-1,1	-0,4	3,3	-0,4	18,5	15,7	15,2	16,5	18,5	18,5
4.2 Transporte aquaviário	-0,4	4,1	-2,3	-0,2	9,2	14,2	6,6	9,9	11,9	11,9
4.3 Transporte aéreo	-9,8	3,3	7,6	-3,8	8,8	3,8	4,4	5,5	28,6	28,6
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,8	0,3	0,8	0,9	4,2	3,4	4,8	4,1	2,7	2,7
5. Outros serviços	3,1	-3,3	10,3	4,8	4,2	0,3	10,1	5,8	-2,1	-2,1
Atividades Turísticas²	-2,5	0,0	4,1	-0,3	4,3	11,9	12,6	13,6	29,9	29,9

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

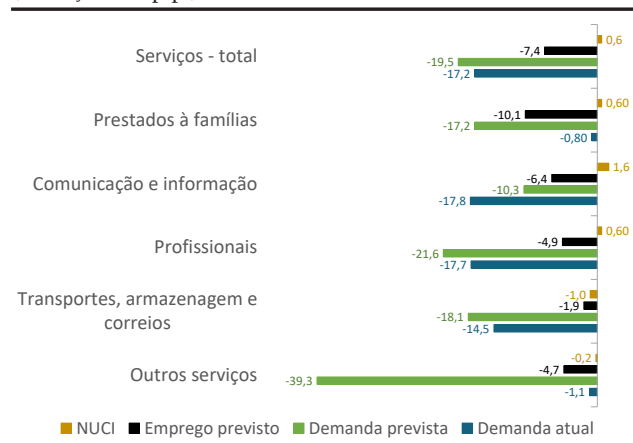
Notas: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de grupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

A desaceleração do ritmo de crescimento da atividade de serviços tem sido corroborada por outras fontes de informação. De acordo com os dados da Pesquisa Sondagem de Serviços, da FGV, enquanto os níveis de Nuci ainda se mantêm estáveis, a percepção dos empresários do setor a respeito dos níveis de demanda atual e prevista para os próximos meses vem se deteriorando de forma bastante disseminada desde outubro do ano passado. Como consequência, as expectativas de emprego seguem na mesma direção. Em relação ao agregado, a queda na percepção sobre a demanda atual em relação ao patamar de outubro já chega a 17,2 pontos em fevereiro, en-

quanto a expectativa futura retrocedeu 19,5 pontos (gráfico 10). A exceção fica por conta dos serviços prestados às famílias que, ao final de 2022, era o único segmento que ainda apresentava alguma ociosidade em relação ao seu nível pré-pandemia. Atividade mais afetada pela redução de mobilidade urbana ao longo da crise sanitária, o setor de serviços foi o segmento que registrou o maior crescimento em 2022 (24%) e se encontra 4,3% abaixo do patamar de fevereiro de 2020 (gráfico 11).

GRÁFICO 10
Serviços: demanda, emprego e Nuci (fev./2023-out./2022)
(Variação em p.p.)

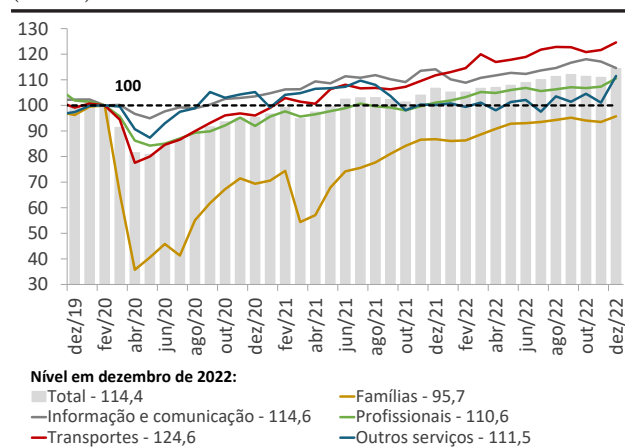


Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* ainda favoreça o consumo de serviços, o fechamento do hiato aberto pela crise sanitária neste setor vem provocando uma aceleração dos preços, reduzindo dessa maneira a distância em relação à inflação de bens. Ao longo da crise sanitária, essa diferença atingiu o valor máximo em agosto de 2021, quando chegou a 11,7 p.p., com base nos deflatores das pesquisas PMS e PMC. Desde então, refletindo a normalização dos níveis de mobilidade urbana, o *gap* vem diminuindo, chegando a 3,9 p.p. no último mês do ano passado (gráfico 12). Todavia, assim como no mercado de bens menos dependentes de crédito, a resiliência do mercado de trabalho, particularmente dos indicadores de renda, pode ser um fator positivo que ajude a sustentar o consumo de serviços, pelo menos ao longo dos próximos meses.

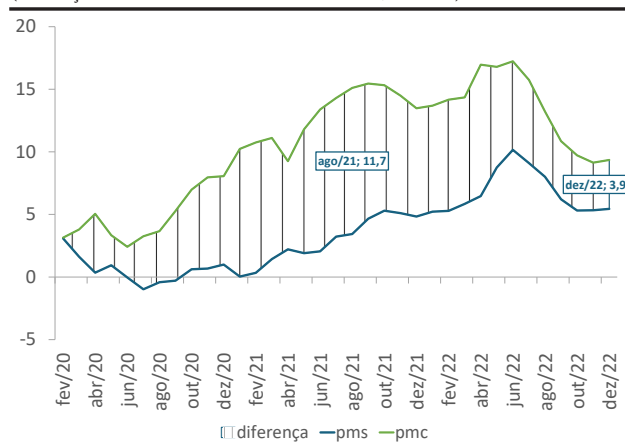
Para janeiro, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente recuo de 0,8% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 8,1% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o primeiro trimestre ficaria em 1,3%. Entre os cinco segmentos, os destaques ficam por conta das atividades serviços prestados às famílias (1%), e serviços de informação e comunicação (2,5%). Com o maior peso entre os segmentos, a maior contribuição negativa viria dos serviços de transportes e correio, com recuo de 1,9% na margem (tabela 11).

GRÁFICO 11
Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (dez./2019-dez./2022)
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 12
Serviços e comércio: evolução dos deflatores (fev./2020-dez./2022)
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 11

Serviços: desempenho recente e previsão para janeiro de 2023 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Serviços	1,1	0,7	-0,7	-0,4	3,1	-0,8
Serviços prestados às famílias	0,9	0,9	-1,2	-0,6	2,4	1,0
Serviços de informação e comunicação	0,8	1,8	1,2	-0,8	-2,2	2,5
Serviços profissionais, administrativos e complementares	0,6	0,8	-0,3	0,6	3,0	0,3
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,9	-0,1	-1,5	0,7	2,5	-1,9
Outros serviços	6,1	-2,0	3,1	-3,3	10,3	-2,1

< -3,3	< -1,1	< 1,2	3,5	5,8	>= 8,0
--------	--------	-------	-----	-----	--------

Fonte: Ipea; IBGE.

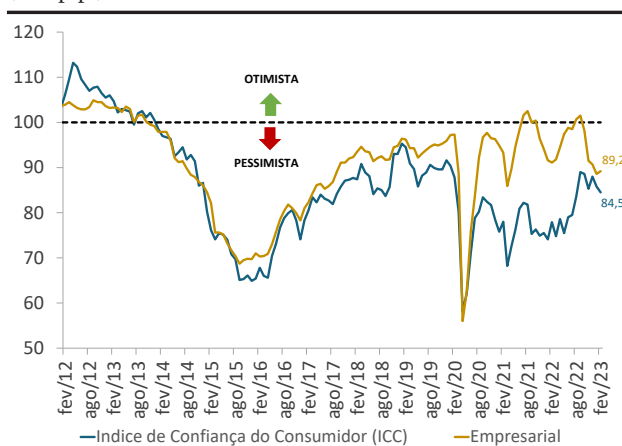
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5 Confiança

A desaceleração do ritmo de crescimento da atividade econômica ao longo dos últimos meses tem se refletido no comportamento dos indicadores de confiança dos agentes. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da FGV, o ICE acumula uma queda de 12,3 pontos entre os meses de fevereiro deste ano e outubro do ano passado, na série com ajuste sazonal. Embora o resultado tenha representado pequeno avanço sobre janeiro (0,6%), a comparação em médias móveis indica a quinta retração seguida na margem (gráfico 13). Entre os setores, a deterioração da confiança é generalizada, com destaque negativo para o comércio e serviços, que acumulam quedas de 16 pontos e 12,6 pontos sobre o nível de outubro, respectivamente. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), por sua vez, registrou queda de 1,3 ponto sobre janeiro, tendo acumulado uma perda de 4,5 pontos na comparação com outubro. O resultado foi explicado tanto pela piora na avaliação das famílias em relação à situação atual (-1,8 ponto) como pela redução das expectativas para os próximos meses (-0,9 ponto). Entre os quesitos que compõem o indicador, o que mais contribuiu para a queda em fevereiro foi novamente a percepção da situação financeira das famílias.

GRÁFICO 13

Indicadores de confiança: empresarial versus consumidores – séries dessazonalizadas (fev./2012-fev./2023)
(Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa

Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Paulo Mansur Levy

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Antonio Henrique Carlota de Carvalho

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Felipe dos Santos Martins

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Pedro Mendes Garcia

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
